

## TRADUZIR EM TEMPOS DE PESTE E CONFINAMENTO

### *TRANSLATION IN TIMES OF PLAGUE AND CONFINEMENT*



Adalberto MÜLLER JÚNIOR  
Professor Adjunto 1  
Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Letras  
Departamento de Ciências da Linguagem  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2096456049485543>  
<https://orcid.org/0000-0002-9067-9891>  
[adalbertomuller@gmail.com](mailto:adalbertomuller@gmail.com)

Germana Henriques PEREIRA  
Professora Associada 3  
Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Letras Estrangeiras e Tradução  
Brasília, Distrito Federal, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/5479032498605468>  
<https://orcid.org/0000-0003-1705-1704>  
[germanahp@gmail.com](mailto:germanahp@gmail.com)

Quando propusemos este número da *Belas Infêis*, em maio de 2020, a pandemia da covid-19 estava apenas no início. O nome da doença, covid-19, ainda não era tratado com a terrível intimidade que temos hoje. Àquela altura, imaginávamos que o pior poderia acontecer. Mas não imaginávamos que o pior seria ainda pior do que imaginamos, sobretudo em nosso país, onde um misto de fascismo perverso e negacionismo cínico puseram em funcionamento uma máquina genocida que agravou os efeitos da pandemia, criando um regime de receio, medo, pavor e horror. Entre os meses do anúncio deste número, e a finalização do processo de avaliação, a doença se alastrou entre nós, muitos adoeceram, uns com sintomas leves, outros com graves sequelas, muitos viram a morte bater à porta de suas casas, ceifando as vidas de familiares, ou de amigos. E, dor maior, muitos perderam a vida.

Olhando agora retrospectivamente para estes textos, podemos entender que aquela intuição inicial de propor um número sobre a tradução em tempos de pandemia estava longe de ser impulsiva e desavisada. Ao contrário, o que se revela agora, a partir da leitura desses textos, é que eles refletem o desenrolar doloroso deste processo que vivemos desde aquele março fatídico, e por isso mesmo documentam a multiplicidade de formas de se entender os desdobramentos da pandemia. Isso fica ainda mais claro e pungente, quando lemos os textos literários traduzidos aqui. Por exemplo, num dos haikus traduzidos por Douglas Diegues para o português selvagem, que é uma espécie de “pressentimento” do que viria nos acometer, lemos:



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons Atribuição* que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

kuan do ven ta el ven to o es te  
a mon to nan se nel les te  
las ho jas ca í das

Da mesma maneira, os poemas de Pamela Proietti, duplamente traduzidos aqui (ao inglês e ao português), são um documento vivo dos dias catastróficos da pandemia na Itália. Quem não se lembra das imagens dos hospitais lotados, das ambulâncias? Mas aqui, o que se vê, é pior: o modo como a pandemia entrou no núcleo corriqueiro da existência:

O homem na praia diz que lhe faltam abraços, que somos gente que não pode ficar sem contato. Somos gente mediterrânea. Ele fala comigo sem uma máscara e fica a quatro metros de distância. *Você se lembra do último abraço que deu?*

2 Quantos de nós não sentimos também o que o seguinte verso de Augusto dos Anjos, aqui traduzido por Marcelo Jacques de Moraes ao francês (aliás, baudelairizando o poeta paraibano), tão bem retrata:

Este ambiente me causa repugnância...  
Cette atmosphère me cause répugnance...

Por outro lado, como vemos no texto de Ray Bradbury, traduzido por Carolina Paganine, a catástrofe também invade nossos sonhos, e por isso mesmo, parece ainda mais infinita e desesperadora.

Apesar de tudo, aprendemos também a resistir, e, mais do que isso, a pensar a resistência.

E nunca antes a resistência – em todas as suas formas – foi tão necessária. Sobretudo quando vemos que é a própria humanidade que está gravemente adoecida, e por uma doença que ela própria criou para si, destruindo o meio ambiente, gerando miséria, e, com a miséria, uma densidade populacional que nos torna mais vulneráveis e enfermos. Aos enfermos, sobretudo aqueles em estado grave, é importante o saber e a prática da resistência.

Nesse sentido, os artigos aqui publicados, já discutem simultaneamente sobre a doença e a profilaxia, sobre o contágio e as formas de transformação do contágio, sobre variações e variantes, e sobre aquilo que Walter Benjamin chamou de *Nachleben*, a pós-vida do texto

---

traduzido, a sua sobrevivência. Contágio e sobrevivência são, portanto, temas que percorrem estes artigos, o que demonstra que os estudos de tradução e interpretação – bem como a sua prática – estão longe de serem meros apêndices dentro de uma sociedade pandêmica e pós-pandêmica, que é aquela em que vivemos e viveremos, se sobrevivermos. Ao contrário, o que se verifica aqui é que traduzir em tempos de pandemia é criar formas de resistência.

*Prof. Dr. Adalberto Müller Junior*  
Universidade Federal Fluminense

*Profa. Dra. Germana Henriques Pereira*  
Universidade de Brasília